

ESTUDOS DA MENTE E AS INTERFACES ENTRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PSICANÁLISE

Patrícia Netto Alves Coelho

Doutoranda do HCTE/UFRJ

nettopatricia@gmail.com

O surgimento de campos de conhecimento como a inteligência artificial e a psicanálise trouxeram contribuições relevantes para o debate sobre o conceito de mente. O presente trabalho consiste no estudo preliminar e programático da relação da inteligência artificial com a psicanálise investigando como ambas as concepções desafiam, com suas referências artificialistas, os limites sobre o conhecimento da mente.

Esse debate foi feito inicialmente pela filosofia, remontando às origens do pensamento grego (ROBINSON, 2010) e ganhou novas versões no século 20. Pode-se enumerar uma diversidade de questões sobre a mente (PACHERIE, 2003), sua relação com o corpo, sua natureza intencional, a consciência como sua possível propriedade definidora, a presença ou não de representações. Mas ocorre que não há definições consensuais nesse campo. Consideremos dois casos que ilustram a falta de acordo: em termos recentes e dentro de uma tradição analítica, temos uma posição extrema, a do filósofo Gilbert Ryle (2000) que criticou de forma radical o dualismo cartesiano mente-corpo e o chamado mentalismo afirmando que a mente humana não é uma *substância*, mas uma *palavra* que aplica-se a performances adequadas no plano da ação ou comportamento¹. Outros autores defendem a diferença entre comportamento e mente, procurando caracterizar o que seriam os eventos mentais a partir dessa distinção, tais como Dennett (1997) e Searle (2000).

Entretanto, este debate filosófico não foi o único ponto de partida para a discussão contemporânea sobre mente nem foi a discussão que esgotou essa problemática. O conhecimento foi relacionado a outras ordens de fatos, como a ordem informacional, por parte da cibernética, e também pela ordem do inconsciente, por parte da psicanálise. Assim, buscou-se, por vias alternativas, desenvolver bases novas para o conhecimento da mente. A cibernética, que determinou as linhas de pesquisa da inteligência artificial, reconfigurou o modo de produção de conhecimento em ciência, assumindo uma visão mais geral capaz de sobrevoar as relações entre os fenômenos

físicos e biológicos e os fenômenos mentais, procurando comunicação entre as diversas áreas de conhecimento; propôs analogias artificiosas entre organismos e máquinas abstratas, naturais e artificiais, através de ligações lógicas². A psicanálise foi afastada⁴ desse debate sobre o conceito de mente, embora sempre tenha tido muito a contribuir, desde Freud. No Brasil, a nova psicanálise, proposta desenvolvida pelo psicanalista MD Magno, alinhando-se à teoria freudiana, pensa a psicanálise como uma teoria mais ampla e genérica que incorpora questões sobre conhecimento e mente que nem sempre passaram pela tradição filosófica e que encontram afinidade com certos aspectos da proposta da inteligência artificial.

O projeto de inteligência artificial propõe intervenções que se distribuem em dois eixos¹: visa aplicações que reproduzam tarefas que requeiram inteligência se executadas por humanos, e procura as condições de realização de uma inteligência artificial, construindo um discurso teórico sobre a inteligência ou a consciência, buscando modelar por experiências reais ou virtuais o funcionamento de uma máquina pensante. Pesquisadores constroem máquinas a partir de hipóteses formuladas a partir de modelos sobre a realidade, examinam as condições formais e comportamentais da atividade cognitiva comuns a todos os sistemas supostamente capazes de tal atividade: humanos, animais e máquinas³. Sloman (*apud* FRANKLIN, 2000, p. 104) oferece uma definição abrangente da inteligência artificial que contempla o artificialismo anunciado pelo projeto da cibernética: “a inteligência artificial é uma investigação muito geral sobre a natureza da inteligência e dos princípios e os mecanismos necessários para compreender ou emular”.

Esse projeto estabeleceu um campo onde a interdisciplinaridade é exercida menos por regiões previamente demarcadas, resultantes de objetos de estudo definidos, mas por processos de investigação com alto grau de complexidade e interrelação, tornando possível pensar na produção de mentes artificiais, isto é, a transposição das funções mentais para um outro suporte material. É importante notar que o transporte de um elemento para outro campo de relações e materialidade, com a possibilidade de mudar de contexto, transformar, hibridizar, simular e replicar, é compatível com os movimentos inconscientes que inicialmente Freud apresentou. Esse modo de pensar permite entender a situação contemporânea do conhecimento, a convergência atual dos processos conceituais, técnicos e sensíveis que foram até então pensados em regiões separadas. E, sobretudo, ao ampliar a idéia de conhecimento, torna esta operação compatível com o conceito de inconsciente, incorporando esse tema ao campo da psicanálise.

Freud relaciona conhecimento com inconsciente em dois planos: em um plano, trata de propor um novo campo de conhecimento que diz respeito ao que a psicanálise estabeleceu sobre os

processos psíquicos inconscientes; em outro, a psicanálise propõe a existência de *conhecimento inconsciente*. Conforme vão ganhando vulto na obra de Freud noções como representação inconsciente, pensamento inconsciente, processos de articulação do inconsciente, formações do inconsciente, sobredeterminação inconsciente, etc., o conceito de inconsciente se consolida como conhecimento. Mas isto não é tudo. O conhecimento inconsciente envolve a integralidade das determinações e se encontra em todas as regiões de articulação humana, estéticas, eróticas, políticas, econômicas, religiosas, filosóficas, científicas, etc. As incursões de Freud por áreas supostamente distantes de sua investigação mais imediata demonstram precisamente seu esforço em tornar a psicanálise um conhecimento referencial⁶ para outros campos, pois propõe que os processos inconscientes devem ser contabilizados em toda ordem de fatos como seu princípio de determinação e de organização, condição e causa de todo e qualquer processo articulatório. Assim, a psicanálise considera a temática do conhecimento em dois sentidos: afirma-se como um novo conhecimento⁷ e propõe uma concepção própria do que é conhecimento, pois, desde seu início, não tem apenas o objetivo de ser reconhecida pelo rol das ciências, mas exige também a reconfiguração das próprias concepções de conhecimento ao admitir novas premissas e processos até então desconsiderados.

Se acompanharmos a formação dos conceitos da psicanálise, veremos que não são completamente situáveis nos quadros e divisões estabelecidos pelos conhecimentos da época⁸. Em parte porque lançam mão simultaneamente de fatores constitucionais biológicos, de fatores culturais e de fatores simbólicos sem, no entanto, seguir nenhuma delimitação prévia⁹ quanto a esses elementos. Ora, essa é uma diferença importante. O conhecimento colhido por Freud¹⁰ a partir de seus construtos teóricos e aparelhos clínicos não foi mensurado ou qualificado por nenhuma ordem disciplinar ou parâmetro prévio, quer seja de origem lógica, física, biológica, discursiva, social, etc. Esse procedimento clínico instituído pela psicanálise é estranho aos protocolos filosóficos e epistemológicos porque não qualifica o que investiga a partir de sua suposta origem ou a partir de uma denominação pré-estabelecida, mas procura tão-somente acompanhar e mapear relações. Freud estava atento para este ponto, pois buscou justamente algum princípio de conhecimento que pudesse capturar toda ordem de pensamentos, eventos, coisas, fatos, de modo a “metabolizá-los”, ou seja, considerá-los como formações *do* inconsciente inserindo toda essa ordem de fatos na rede complexa de determinações do inconsciente. Seu objetivo era caracterizar e assegurar a abrangência e precedência do campo psicanalítico em relação aos outros saberes. Mas Freud, apesar de indicar em várias ocasiões uma reorganização ampla dos conhecimentos, não chegou a dar esse passo, o de propor uma teoria do conhecimento formada a partir dos referenciais da psicanálise.

O revigoramento da psicanálise, de acordo com o projeto lacaniano, passou inegavelmente pela tentativa de demonstração de sua cientificidade, fortemente embasada pelo movimento estruturalista, último esforço de grande porte de garantia epistemológica para as ciências humanas. Para Lacan, a psicanálise só pode existir como teoria a partir do surgimento do que nomeou *sujeito da ciência*, resultante do *cogito* cartesiano e da física galileana. A escolha epistemológica de Lacan, a epistemologia histórica de Alexandre Koyré, precisou dar inteligibilidade psicanalítica ao princípio de base hegeliana: "o sujeito sobre o qual a psicanálise opera só pode ser o sujeito da ciência" (LACAN, 1998, p. 865). Além disso (ou talvez por isso), quis-se que a algebrização presente nas ciências física e matemática fosse estendida ao campo da psicanálise. Os matemas representariam essa transposição e seriam capazes de assegurar a transmissibilidade integral da experiência psicanalítica.

Reconhecemos uma orientação específica e original construída por MD Magno quando procurou re-situar a psicanálise também como uma teoria mais ampla e mais genérica, que também é uma teoria do conhecimento. Assim a *gnômica*, desenvolvida pela nova psicanálise, formula uma *teoria do conhecimento* que possa considerar a produção do conhecimento de qualquer natureza, origem e característica⁵. O que orienta essa proposta é o que MD Magno preconiza em nível genérico para a psicanálise enquanto pensamento teórico e clínico: "simplificação do aparelho, facilitação do entendimento, generalização dos conceitos, unificação da teoria" (MAGNO, 1996, p. 421). Essa insistência teve como forma básica a organização de conceitos, com a busca de formulações principiais; avaliação dos limites de reflexão da psicanálise, como capaz de incorporar trabalhos que lidavam com outras interrogações a respeito do conhecimento que nem sempre passaram pelo cânone filosófico-epistemológico. É no quadro de uma ampla revisão conceitual já em progresso que essa proposta é desenvolvida.

A questão do conhecimento é vista a partir de um artificialismo radical, uma "ordem absolutamente artificialista" (MAGNO, 1990, p.12) é afirmada. O artificialismo de base na psicanálise, o reconhecimento do artificialismo como princípio (MAGNO, 1995, p. 8) de reflexão são, de fato, norteadores dessa teoria. A partir de 1989, esses princípios são sistematicamente testados e desenvolvidos e, com isso, ganham organização especial. Assim, os seminários *Est'Ética da Psicanálise. Introdução* (1989), *Arte & Fato. Da Arte Total à Clínica Geral* (1990), *Est'Ética da Psicanálise. Parte II* (1991); *Arte e Psicanálise. Estética e Clínica Geral* (1995), percorrem uma linha comum, a do artificialismo radical e da proposição da clínica como artifício hegemônico da psicanálise, laboratório de produção do conhecimento próprio à psicanálise.

É preciso então pensar a questão da mente e suas possibilidades de conhecimento considerando o que Freud apontou como inconsciente, esse processo hegemônico das possibilidades articulatórias humanas. MD Magno qualifica esse projeto de artificialismo freudiano que será o ponto de partida para a Nova Psicanálise propor sua teoria do conhecimento chamada gnômica: “a única que pode considerar qualquer formação como conhecimento e qualquer formação como formação”. Essas propostas convergem com o campo de conhecimento produzido pela inteligência artificial, onde não é possível identificar sede ou origem destacada para o conhecimento, homem, máquina, vivo, não vivo, onde não há interesse ou mesmo possibilidade de estabelecer princípios *a priori* que regulem o jogo do conhecimento – o que se tem são configurações *ad hoc*.

¹ “As máquinas feitas pelas mãos do homem não são cérebros, mas os cérebros são uma variedade, muito mal compreendida, de máquinas computacionais. A cibernética contribuiu para derrubar a muralha que separava o mundo magnífico da física do gueto da mente” (McCulloch apud DUPUY, p. 54)

² “A mente é essencialmente identificada com a mente consciente, quase como se Freud nunca tivesse existido” (FRANKLIN, 2000, p. 43).

³ Respectivamente o projeto da IA fraca e da IA forte.

⁴ Esse tratamento homogêneo dado a organismos e máquinas foi possível em grande parte devido a Wiener que ampliou o conceito de informação concebido por Shannon na engenharia de comunicação. Ao considerar a informação como entropia negativa tornou-a medida da ordem presente em sistemas organizados, de qualquer tipo, sejam físicos, biológicos ou sociais, independente da ação humana doadora de sentido.

⁵ É exemplar como Freud situa as teses da filosofia em relação à psicanálise: “Em particular, o estabelecimento da hipótese de atividades mentais inconscientes deve compelir a filosofia a decidir por um lado ou outro e, se aceitar a idéia, modificar suas próprias opiniões sobre a relação da mente com o corpo, de maneira a se poderem conformar ao novo conhecimento”. (FREUD, 1913, p. 243).

⁶ A esse respeito a metapsicologia corresponde a esse projeto. Essa noção foi introduzida por Freud para caracterizar o modelo teórico proposto pela psicanálise com suas referências tópica, dinâmica e econômica. “Proponho que se fale de uma apresentação metapsicológica quando conseguimos descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas” (FREUD, 1915, p. 208).

⁷ A leitura de Lacan das teses freudianas visa precisamente destacar a posição avançada de Freud em relação ao seu contexto histórico. Sobre as relações complexas de Freud com a ciência de sua época, segundo uma perspectiva histórica, ver J.-P. Assoun (1984). Para um exame dos ideais de cientificidade de Freud conferir J.-C. Milner (1996, p. 30-31). Em MD Magno, a insistência é por mostrar que o próprio cânone científico ruiu (1992).

⁸ Embora dialoguem com o que houve de mais avançado naquele contexto científico. Exemplo paradigmático é o conceito de pulsão (*trieb*), situado entre o somático e o psíquico, que subverte inteiramente a tradicional discussão mente-corpo, tão cara a filosofia; que antecipa questões complexas da termodinâmica, ainda incipiente nesse momento, como a idéia de entropia.

⁹ “A psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.” (FREUD, 1922, p. 287)

¹⁰ “A psicanálise pode acolher todos os saberes que acaso funcionem para a consideração do Inconsciente. Isto não é novidade, já está em Freud quando lança mão de todos os conhecimentos de sua época e os traz para dentro da psicanálise” (MAGNO, 2000, p. 7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDLER, Daniel. *Introduction aux sciences cognitives*. Paris: Gallimard, 1992.
- ASSOUN, J.-P. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
- BARROW, John D. *Impossibilidade. Os limites da ciência e a ciência dos limites*. Lisboa, Editorial Bizâncio, 2005.
- BLANCHÉ, Robert. *A ciência actual e o racionalismo*. Lisboa: Rés, 1983.
- DENNETT, D. *Tipos de Mentes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUPUY, Jean-Pierre. *Nas origens das ciências cognitivas*. São Paulo: UNESP, 1996.
- ENGEL, Pascal. *Philosophie et psychologie*. Paris: Gallimard, 1995.
- FRANKLIN, Stan. *Mentes artificiais*. Lisboa: Relógio D`água, 2000.
- FREUD, S. (1915) *O Inconsciente*. S.E. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Psicanálise* (1922). S. E. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *A interpretação dos sonhos* (1900). S. E. Vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O Interesse Científico da Psicanálise* (1913). S. E. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GARDNER, Howard. *A Nova Ciência da Mente*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- KEIL, Frank C. e WILSON, Robert A. *MIT Encyclopedia of cognitive science*. Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MAGNO, MD. *Arte e Psicanálise. Estética e clínica geral*. Rio de Janeiro: Novamente. 2008
- _____. *Est`Ética da Psicanálise. Introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. *“Psychopathia Sexualis”*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2000.
- _____. *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: Novamente. 2003.

-
- _____. *Clavis Universalis*. Rio de Janeiro: Novamente. 2007.
- _____. *AmaZonas. A psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: Novamente. 2009.
- MATTHEWS, Eric. *Mente. Conceitos-chave em psicologia*. Porto Alegre: ARTMED. 2007.
- MILNER, Jean-Claude. *A Obra Clara. Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. *Le périple structural. Figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002.
- PACHERIE, Elisabeth. *Naturaliser l'intencionalité. Essai de philosophie de la psychologie*. Paris: PUF, 1993.
- ROBINSON, Thomas M. *As origens da alma. Os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles*. São Paulo: Annablume, 2010.
- ROSA, L. P. *Tecnociências e humanidades*. Vols. 1e 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006
- RYLE, Gilbert. *Concept of mind*. Londres: Penguin UK. 2000.
- SEARLE, J. *Mente, Linguagem e Sociedade*. Rio de Janeiro: Rocco. 2000
- TEIXEIRA, João de Fernandes. *Mente, cérebro e cognição*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Filosofia da mente e inteligência artificial*. Unicamp: Coleção CLE. 2006.
- _____. *A mente pós-evolutiva*. Petrópolis, Editora Vozes. 2010